

as vozes desse rio

TIAGO RABELO

as vozes desse rio



Multifoco

GRUPO MULTIFOCO

Rio de Janeiro, 2018

Copyright © 2018 Tiago Rabelo.

DIREÇÃO EDITORIAL Grupo Multifoco
EDIÇÃO Márcia Vilas Bôas
REVISÃO Lucas Rolim
PROJETO GRÁFICO E CAPA Caroline Silva
FOTOGRAFIA Ismail Niyax | Unplash

DIREITOS RESERVADOS A

GRUPO MULTIFOCO

Av. Mem de Sá, 126 - Centro
20230-152 / Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2222-3034
contato@editoramultifoco.com.br
www.editoramultifoco.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R114v Rabelo, Tiago.
As vozes desse rio / Tiago Rabelo – Rio de Janeiro:
Editora Multifoco, 2018.
73 p.

ISBN: 978-85-5996-850-7

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. I. Título

CDD: B869.91

CDU: 82-1(81)

*À imagem de Lucas, que teve as pernas engessadas, que é um poema atrofiado de faces brilhantes. Nunca iremos esquecer:
Lucas é uma teia de amor em rememoração.*

Este livro é constituído por uma sequência de poemas “líquidos”, que procuram – dentro da temática “memória” e “rememoração” – dialogar com o passado-presente anexados à nossa compreensão/percepção de tempo, entre o que ele pode ser ou não. Nosso original – como a corrente – procura por um leito. É por si só uma procura, uma ausência à imagem daquele que o diz: uma saudade do “de fora”, no borbulhar da memória, em uma linha horizontal.

Para o autor da obra, o livro é nada mais que um abraço do tempo; um abraço dito e escrito pelo silêncio do gemido, pelo barulho da recordação, pela ação que é guardar, embora a memória caminhe muito mais que a gente.

Todo livro guarda consigo uma lembrança.

P.

1. Tiago Rabelo Felix, reside em Teresina-PI.

Contato: rabelotiago3@gmail.com

Só que coração meu podia mais.
O corpo não traslada, mas muito sabe,
adivinha se não entende.
Perto de muita água, tudo é feliz.

– João Guimarães Rosa

*O rio transcreve memórias,
enquanto peixes percorrem o infinito.*

SUMÁRIO

Apresentação. A voz e as vozes desse rio	15
em memória das memórias.....	17
a um coração velho	20
Refluxo – in memoriam.....	21
na memória, lá início, desde agora	22
ruminância	24
>>>ecos mudam de direção>>>	25
o grito>>>	27
>>>nas embarcações.....	28
<<<jangada>>>.....	29
>>>as vozes desse rio<<<.....	30
caitetus.....	31
insólito	32
mares livres I	33
mares livres II	34
mares livres III.....	35
mares livres IV.....	36
mares livres V	37
vocábulo i	38
vocábulo ii	39
vocábulo iii	40
#vamoamochope.....	41
todo rio é doce	43
teu olhar.....	45
FestInChuva	46
no desfile dos teus passos.....	47
todo rio é doce	48

sobreamor: o ato.....	49
às margens da alegria.....	50
sobre ele sob ela	51
sem cor sem estética.....	52
o outro.....	54
o tempo.....	55
deserto	56
da saudade	57
afluências	59
(i).....	61
(ii).....	62
(iii).....	63
precedência. (iv) rio pra recordar.....	67
(v).....	68
iv poemas perdidos.....	69
versicular-poético.....	70
] o ir e vir	72
]a palavra da cor a alma	73

APRESENTAÇÃO

A voz e as vozes desse rio

Um dia desses recebi mensagem de alguém querendo contratar meus serviços como revisor. Deu um olá, se apresentou e disse que viu meu nome atribuído ao mesmo trabalho num outro livro de poemas. Ao que parece a poesia abre, sim, portas.

Esse alguém era o Tiago. Tiago Rabelo. O que nas próximas páginas vos escreve.

Apertamos as mãos e caí de cabeça nos textos com o duplo olhar atento de quem lê para revisar e para imergir; para encontrar deslizes ortográficos e escutar o que dizem as vozes desse rio.

Quando deu o prazo, entreguei o original revisado e daí a surpresa: Tiago me convida a escrever o prefácio do seu livro de estreia! O jeito foi ignorar outros prazos e correrias e dizer sim. Afinal, quem recusa um convite desses, não? Eis, portanto, o resultado em suas mãos, cara leitora ou leitor, de um livro de estreia e de um prefácio de estreia, posto que Tiago não escreveu outro livro nem eu escrevi outro prefácio.

Então vamos ao que interessa. O livro.

A organização d'*As vozes desse rio* nas quatro partes que o compõem é fundamental para que se ponha os pingos nos is: a primeira parte, *Em memória das memórias*, é uma tentativa em prosa de retomar imagens antigas, um exercício de catábase onde o poeta adentra o próprio interior para travar sua jornada e invocar “um passado que a cada dia toma mais

distância no tempo, mas que habita vivo o espaço da memória do corpo presente”, como se lê logo no início do texto *a um coração velho*. Seguindo adiante, agora escritas em versos, temos ainda as partes >>>Ecos mudam de direção>>>, que chama atenção pelos elementos gráficos indicando a direção dos ventos e das vozes, ora para a <<<ESQUERDA, ora para a DIREITA>>>, às vezes <<<PARTINDO>>> ou se >>>ENCONTRANDO<<<; Em *Todo rio é doce*, terceira parte do livro, Tiago concentra sua poesia mais íntima, da paixão e do erotismo; e por fim temos *Afluências*, onde o branco da página é mais líquido e os caracteres boiam à deriva, tomando a forma das águas.

Outro ponto valioso é a presença das vozes de nosso tempo e nosso espaço (espaço no sentido afetivo e local, da província Teresina) misturada a vozes que ecoam de tempos passados em outras geografias. Assim, temos epígrafes com versos de Demétrios Galvão e Adriano Lobão Aragão compartilhando o mesmo espaço em que Orides Fontela e Pablo Neruda cravam suas raízes.

Sem mais demora, posto que as águas correm e as vozes gritam, cabe ao leitor decidir de agora se prefere suas roupas secas ou molhadas nesta empreitada. E para fazer referência a William Carlos Williams em seu prefácio ao *Uivo*, de Allen Ginsberg, digo: senhoras, levantem as barras de suas saias, vamos atravessar o rio!

Lucas Rolim, poeta.
Teresina, fevereiro de 2018

em memória das memórias

O rio é como o tempo!

– Mia Couto

*Badala na memória
uma infância restrita
uma cidade do tamanho da sua rua.*

– Demétrios Galvão

Que valor tem...

Uma ida à sua casa antiga quando você procura a infância e encontra a razão, os motivos, o qual... Este aí: o primeiro contanto que depois seria bem mais.

9 anos tinha quando leu Drummond, Casimiro, Ziraldo, C. Alves, Cora Coralina, C. Meireles, H. Lisboa, M. de Andrade, O. Bilac, F. Gullar, Arnaldo Antunes, Leo Cunha... Fascinado, foi, sem compreender a dimensão do ato e quem realmente eram. Mal sabido. Sem a mínima visão de que a poesia desses e de outros (Torquato, Salgado e Galvão) mudaria tudo.

Ler foi semear a semente que hoje gera uma colheita escassa, visto que vez em quando um poema o atravessa, o desperta, o pega e ele se aventura escrevendo e transcrevendo a pouco domínio.

O certo é que a poesia é só isso: ela transforma o mundo em nós, moldando nossa visão, ampliando as margens, criando bifurcações. A poesia da resistência perfura o ócio, despreza o senso comum. A poesia subverte o mundo – tem o dom. Hoje ela habita os cantos das salas, das malas, das ruas de muitos quando é desprezada. Mas em nós, não! Nossa poesia nos abriga e vai, dobrando as esquinas, invadindo as calçadas. Ela navega nossos mares e chega às praias como uma onda que inunda e nos mostra que a vida é tudo e é quase nada, que O Todo é bem mais que tudo; que tudo é só uma metáfora.

Dúvidas? Veja: Pessoa, Couto e Bandeira, toma hai-kai de Leminski e Bashô. Vá em Salmos, em Sonetos, em Provérbios, em Cantares de Salomão... Em Adélia Prado; Saramago e Jorge Camargo. No Neruda universal, no Rosa do sertão...

– *A poesia quando nasce...*, nasce sim. E hoje habita os espaços infinitos. – Mora em mim.

a um coração velho

Dias atrás nos vieram de repente, memórias de um passado que a cada dia toma mais distância no tempo, mas que habita vivo o espaço da memória do corpo presente, quase sempre, na dita *horinha de descuido*, que nos fez cogitar: Saudade boa é quando não dói: é a alegria da rememoração.

Já que o tempo não nos permite voltar e reviver, nosso apego é a memória; nosso escape tem sido – hoje também – a memória boa – zelosa – que nos proporciona a volta enquanto continuamos caminhando, enquanto damos o próximo passo. A memória tem tanto valor que quando alguém a perde, por um único instante, solta o chão e fica só, pranteando desesperos.

E hoje é dia de inveterar um pouco ou um dia a gente chega lá!? Ah, maturidade não é coisa física, é estado e tempo de alma. Na alma a cronologia mística é bem mais incorporada que a do espaço sólido das nossas planícies. Alma não é terra, é rio antes de desaguar. O corpo é físico, a alma é líquida. Velhice é um corpo atrofiado (que já sentimos anunciar). Maturidade é resultado das nossas leituras (de um modo geral), é sentimento de um coração velho, envelhecendo, sendo ainda mais agradecido.

Refluxo

- in memorian

Morava perto do grande aeroporto, que era uma maravilha, pois era fascinado em aeronaves. Pela madrugada, lá, como sempre, o fluxo aumentava e, no mínimo, uma vez por noite ele acordava com o barulho de uma descida num despertar espantosamente agradável. Mas naquele dia, não. Sentiu medo, um aperto acelerado no peito e o gosto amargo de uma oração.

- Santo Deus! Eu acordei no pesadelo.

Daí atravessou-o, como um tiro, o seguinte eco:

- Querido, a vida é tão traiçoeiramente rápida que nem dá tempo de se armar pra ela.

Viver é mesmo muito perigoso.

na memória, lá início, desde agora

– oi.

O menino em frente à janela tentando descrever o mundo. – oi. (vazio) – Te mandei mensagem, não respondeu. – Mudei de número, xxxx-xxxx (vazio mais vazio)

Quatro anos depois...

... o primeiro poema na memória do primeiro beijo. Beijo de luar. Noite nostálgica.

A vida é *supremada*. Quem é que sabe dizê-la? É dose. É dita. Desdita. Não dura tanto. Tudo se desmancha como água ao vento. Não foi o caso. Amor é materialmente mais resistente. Materialmente é regá-lo sempre. [á...] o amor, essa é a história. Amor é rio que sobe ladeira. É ir na contramão do agora. Amar. Amar-te. A alegria do escrito diz: aquele sentimento leve, solto, é rio transbordante formando a outra margem que inunda e invade. A vida é toda rio-rios, saciar-se de beber em rios – todo sempre. Viver.

Lá início... – oi. – oi. – bom dia. – bom dia. – gosta de ler? – bastante. – tô lendo agora... – adoro o autor. – já leu? – não. – te dou de presente então.

Tudo mudou. É sempre um detalhe. Uma fração. Um milésimo. Tudo muda. É assim, sim. Ninguém tem controle.

Viver é rio, disseram. Mistério é a alma dos homens. No fim de tudo, no material da carne, somos todos escravos de nós mesmos. Quem só pensa em pensar em si não sabe dos outros, e no real todo mundo é assim: mudo, não é, não? O mundo somos nós.

O vasto mundo é menor que a memória/carga. Mundo tem fim, memória/carga é infinda. Pense e veja! Ainda

mais valorosa é aquela que guarda e guia. Não era a dele, mas cuidadosamente ele não esqueceu...

Eles disseram se amar. Mas amar não é assim, como quem diz só dizendo. Amar é ninguém decidir por decidir. Amar – também – não tem fim, não tem início. É o imerecido querer. Amar é sementinha – “amorzinho”. E quanto mais inocência juvenil, mais amor, amar.

ruminância

Para Philippe Wollney

ruminância dentro do teto-retrátil do meu peito lava o úmido egoísmo na dor dos meus instintos. suas vozes prefaciam um térmico-temor que percorre minhas correntes e carrega para si a infâmia de minha pequenez de gente; desenha um incolor infinito no meu ínfimo cansaço, bramando um raciocínio atômico entre os meus gemidos. ruminância, dentro desse vento assanha o intrépido firmamento e deita seus sons gélidos na antessala da minha morte; despreza meu coração amante, calcificando na libélula das minhas ramas este vagamente.

**>>>ecos
mudam de
direção>>>**

Tudo é silêncio de água e vento.

- Pablo Neruda

o grito>>>

nas horas de espanto me soterra
[o grito

sussurro caprichoso que espeta
minh'alma cala ao infinito
carrega esmola dispersa

um chão me calça
o céu insano

insônia que abraça por dentro
encontra o gasoso desatino frouxo

objeta
transversa
enganos

palavra desencalha verbos
sente um ais imaturo acirrar
enfada a nirvana vibrante

anseia cifrar ecos
que brotam
ferindo o ar

>>>nas embarcações

no fio dessas dores ancestrais
do teu corpo-morno
nas vozes do teu bruto peito
existem vários rios
dentro do rio
labirintos copas casulos
z u n i d o s
que atravessam
de dentro pra fora
furando a carne
d e s a l o j a n d o
que rasga o tecido da terra
e espera esbarra inaugura
que arranca o leme
dessa carapaça verde
dos redemoinhos-portais do tempo
dessa bolhas
no barlavento direcionado
nas embarcações
ecos mudam de direção

<<jangada>>

líquido subtraindo a sua superfície
percorre
o quase-não-move
líquido subtraído da lembrança: uma sensação
no lume dessa luminosidade vibrante
na semi-ilha de imensurável ser
na efervescência que escalpela
o breu rastejante transcendente mórfico
sob a espelhagem

jangada
rabiscando o traçado desse percurso
multívoco refletido
no movimento-serpente
que flutua o corpo
dessa alga-movente
no *jabal* que ensereia os galhos
dessa imensidão transvestida

e o gemido inaudito
no ruído das pedras
nas fendas da amplidão
no rio que transcreve memórias...
enquanto peixes percorrem o infinito

>>>as vozes desse rio<<<

as vozes desse rio
na maré que perfura a rocha noturna
– uma voz que implora

as vozes desse rio
no teu corpo, nas vozes
nessas manchas que mascaram
tua face e desgastam tua pele

as vozes no gemido desses peixes:
piauí, piaba, piranha, pirarucu, pacu
arraiaá, cagado, cururu
mandir, surubim, traíra, tucunaré...

as vozes desse rio em nós: malditos:
que infectamos a rota
somos nós: os ratos
que te roubamos a ânsia
somos nós: ingratos
urubus, vírus sanguíneo

as vozes desse rio
no resgate da semente
no restituir a fonte
na forma fórmica da nascente
na sutileza líquida da corrente
que abastece
no transcorrer
das vozes – as vozes nesse rio

caitetus

morto eu fui
duas vezes
dentro de uma casa selvagem

cortaram-me
dos pés à cabeça
e arrastaram o que sobrou

antes
tentei a morte
negrejei
escorado na promessa

sigilei assombros cinematográficos
enfeitado

soltei o chão

flu

tu

ei

uma

víbora ser te a

pe n av

meus pés

enquanto o leão ruGIA

evidentemente
era só um sonho maligno
ou flechas embruxadas
aliciando minha
humanidade

insólito

procuro um silêncio
espero a esmo
um destino
incomum

[o olho é nu]

o silêncio
 invisível
calça os pés
 a esperança
sopra um vazio
 semisom:
o silêncio não há,
 poeme-se!

mares livres I

carrego nos olhos esperanças horizontais
antilhas de versos entulham-se ante a angra

[esperar é insônia em descanso
canto do espaço insonoro,
sonho, reflexo do encanto]

a alma enfada-se
sem
querer e pedir

a linda horta desanda
ímãs atraem miragens
encontram arcas

o enquanto encalha
estrelas sobre o abismo
brilham na noite do esquecer

no peito, espetos sangram o lodo
– lobo desorbitando um lar
no peito, um seio esmera olhos
mortos alinham o mar

mares livres II

de mim saíram
vários mares
enquanto um silêncio empoeirado
na garganta do tempo
 ressentia
a despedida

mares livres III

náutico no espaço
dos cantos inenarráveis
do engano
engasga uma voz de sangue em sal
desenrola o sol de um mapa astral
e a liquidez das místicas marés
derivam o oceano.

mares livres IV

estes mares livres
restituem alívios
(nautas entregam algum refúgio)
rente às naus
mereço-me
rente às margens
enxergo-me
narcísico
a lida não solta
penso
rendendo-me
as horas se entregam
reporto-me mudo no tempo habitual
a dispersa vida não vê final

mares livres V

a ranhura das pedras
asila lagartos alados

(pântano imundo
da palavra ruge sem delicadeza,
desversa)

farto, reverso corre
na densa escuridão
escodismo salta

o poema das pedras
é suor que escorre lembranças e silêncios...

...ascas, velas,
mortes e medos

(sentimento ergue-se
solto com os sopros)

gritos de ervas
sem vida, sem mantos
vibram em silêncio
hostilidades sem descanso

vocábulo i

o suor dos teus passos repousa sobre as pedras
destila mutismo
no monturo-peito

vocábulo ii

vocábulo comum
simplista
sem preparos e reparos
anda vislumbrado
no chão da palavra bonita

vocábulo iii

vício sem nome
procura o infame
encontra cacos
de homem

#vamovamochope

– ao Chapecoense.

é que o sangue verde
que emudece nossos lábios
ressoa –

quase gritos

gemidos
fazem barulho
até estrondar

mas
na hora da dor
só o silêncio grita

todo rio é doce

*Um poema é uma coisa simples
tão simples
quanto uma declaração de amor.
– Adriano Lobão Aragão*

teu olhar

teu olhar procura vazios ao despertar
busca o instante da despedida e se reparte vivo

(encontro que revive infâncias
faz ressurgir um esmero que cabe o infinito)

teu olhar serpenteia
 borboleta perdida
procura insônias
 desencontra abrigos
dança feito fumaça no corpo do espaço
 baila inerte
receia espantos

teu olhar asfixia o ar
embrulha meu corpo que deseja se encantar
ama cumular regalos no silêncio
soma todas as metáforas no vasto abismo

espera ver a paz no poema do sorriso definitivo

FestInChuva

(18 de dezembro de 16 – ano do golpe)
para Larissa.

vejo
o domingo celebrar na alma

há calma
há sereno

quando você retornar –
no aceno –
eu estarei sereno
e haverá ainda mais sereno

há chuva no chuvisco fino
que escorre as horas
escorre a chuva
no tempo lá fora

te cubro no encontro
com um sorriso frio e jocundo
te aqueço
aquecendo o amor mais profundo

no desfile dos teus passos

teus pés traçam sempre a mesma rota

órbita sem movimento de translação

teu perfume é natureza

selva tropical pós-chuva

cheiro suave e úmido

[exala

no marulho dos teus lábios

onde encontro sossego eterno

farejo longínquas distâncias

os teus beijos doce-mel

açúcar refinado

[suave selo

todo rio é doce

a alegria é de quem chega
a mesa do café sempre posta,
exalando –
o aconchego preenche os olhos
de quem o vê –
o sossego da rede
as flores varandam a casa
de dentro da gente

o sorriso das lembranças
são histórias que adentram a noite
revirando –
entre um dia, sobre um dia.
o correr do flúmen e os saltos
os homens com suas viaturas
atravessando para a outra banda
enquanto meninos sem avistar
seguem a nado

e as lembranças de outrora
na memória destes dias mostram:
todo rio é doce

sobreamor: o ato

nosso amor nasceu no cheiro suave da amizade
foi viagem com traslados e hospedagens

foi amor que se fez:
no rio,
um manancial de águas vivas e sublimes
no deserto, um oásis pra saciar
nas ondas do mar-tempestade
nas horas irregulares da saudade
na saudade dos dias inconstantes
nos passos firmes de quem sonhou o alvo

um ano milhas-distância
o amor não fadigou
o amor os dias avistou...

no céu – nos dedos dos versos da criação
na ventania fez-se abrigo
na canção
no jardim dos dias da criação

às margens da alegria

penso na alegria penso em você
alegria é um sentimento leve, solto, frouxo, alargado
é rio transbordando formando outra margem
que inunda e invade
só não confundo:
ou penso na alegria ou penso em você
alegria é ter alguém pra amar
e ser correspondido
é ter um lar pra chamar de seu
por isso eu penso e digo:
– pra que viver às margens da alegria?
melhor seria mergulhar nesse rio
e explorar o inexplorado
esperar o inesperado [e viver
mas a verdade é:
se definir alegria: só pode ser você
alegria é um sentimento pluralizado
tem que ser compartilhada
e se alguém diz:
– quero essa alegria também
– então encontre alguém
porque ninguém consegue ser feliz sozinho
nas margens da alegria:
um amor, um lar
e o rio? é só descer um pouco e mergulhar

sobre ele sob ela

sertão insano cavalga a selva
fruto brando na insensatez espera
calmo sorriso caminha o espaço
do verso novo
sobre o remanso

gentileza festiva
celebra a sina
no eterno canto de um pássaro
amando

pranto que transborda leve
transportando o silêncio

dor linda ver
por dentro
[bem dentro
o consolo
sopra uma brisa
no abraço que se dá ao fim

o tempo repassa
a gente permanece assim

sem cor sem estética

hábito sem pertencimento espaços
sou rato farejando pratos
sou elo desalinhado

seis vezes me reparto
tento encontrar nos cacos
sete vezes não me acho

assim sigo, estreito
na planura
a roda gira desinquieta

encontro uma ficção proibida
uma verdade antiga, ultrapassada

vendo minha aflição!
tattoo um vulto imundo
nos dedos de uma mão

só, não sinto nada
não sou nada
nem consigo ser
nada move ou comove

olho-me no espelho
vejo-me intruso
não sou anglo nem luso
nem deixo a vida dessecar

tento, não mudo
estudo, não durmo

sem já, um poeta risca
rabisca e não registra

lá fora
chovem chuvas
que escurecem as horas

e não deixo molhar

o outro

a poesia que trouxe sensibilidade
no outro, selvagem ser
peculiar ou quase
ao visualizarmos
as mentalidades

no outro
estranhamente complexo
que traz e mostra a simplicidade

nós, pássaros
que voam a procurar
e redescobrir

o outro, sim
e a hermenêutica de si

e se vislumbra não encontra
ou só enxerga o que não é
no real
encontrado

o eu conquistador
o outro colonizado
do século passado

– que não é mais –

o outro da descoberta
e que precisa ser
amado

o tempo

o insonoro consciente das flores esquece tudo
a invisível dor aflora quieta sem ninguém saber
é pantanal que cala e espanta-nos

(n)o tempo: visão horizontal que não se vê
[não se sabe notar

é navegar sobre o mar-além
e habitar a obscuridade
em ir ao indecifrável

pois as luzes são contidas no fim
porque o tempo é invisível
antes de tocarmos o de repente enfim

e o insonoro consciente das flores às onze
não dura quase nada
mas mesmo assim continuaremos a regá-las

deserto

e daí dizer:
sou um dos tais
um ser deserto no mundo
e se achar desertificado
em peitos, em pastos, em pássaro
que sobrevoa, procura, não acha

e dizer deserto
são tantos dias a passos
ao sol, a sós
só eu e meu deserto
a caminhar
mãos dadas
e solidão não sou eu
somos nós

da saudade

reconheço-me: riachos de saudade:
saudade do profano silêncio
do humano gosto
no sol sistemático
de (per)correr sobre o amargo calo
em busca de um fruto adocicado,
de viajar nas asas de um poema
nirvanando no peito as flores
cedidas por uma apenas liberdade

reconheço-me nos águaçais
na saudade
de navegar pantanais de escalar buritizais
de velejar o inconsciente sertão
levando nas mãos a prontidão

afluências

Quebrar o brinquedo é mais divertido.

– Orides Fontela

A palavra pensa a palavra.

– André Setti

(i)

[há um rio]

na avenida maranhão

o sol se põe entre os trilhos e o asfalto

vislumbra-se o brilho ácido da ponte metálica

raios resvalam nos carros que frenéticos freiam

a cada buzinaço

o rio segue...

tenta cicatrizar as feridas

o troca-troca

embrulha

a tarde fina

corre

anuncia a noite

o sol que é sol

permanece

exala

umidade baixa

racha o crepúsculo

a cidade ativa poros

cristalina vidas

confina dias

enxuga o rosto

e respira e

transpira expectativa

(ii)

um posto dos tantos ali rega o breu

há chão de estrelas ofuscadas

a semimata termina

[as cidades
se entregam às águas

uma ponte bifurcada transporta anseios –
[leva e traz]

o mais se esconde nas sombras ramificadas

faz-se um alívio ilusório

mas ali tudo se concretiza

as cidades não são ingênuas
desembrulham infâncias no jardim da vaidade

uma recebe a irmandade

– abriga os de fora
cuida dos daqui –

a outra não tem jardim
queimam num sol de verdade

(iii)

ladeira

e

b

o

o rio que s

ao invés de saciar, embriaga

r

o r

sangue que j a do tecido da terra

s

o

l

t

o

como clarão no mar

- instante que não

v

o

l

t

a

luto em manhãs de inverno

mistério que (es)corre

em pensamento

só-pra-ação/

aninho-me sobre o rio que flui da imensidão das águas como o
sonho que habita toda obscuridade do rio do teu nome/

...

~brota~

~uma~

~fonte de silêncio~

~caos sereno~

~da vida/

...

morte de um verão jocoso

abandona

a ribeira campina/

seus

berros a rota
 furcaram a rota
 bi
 furcaram
 a rota
 a rota

repartiram — v n o
————— e t s

sa-que-an-do as horas/

precedência

(iv)

rio pra recordar

no retrato do rio que permeia a cidade
residem pretéritas memórias
desenrola um poema juvenil

(saudade boa é quando não dói:
júbilo da rememoração
na glória das pequenas horas)

o tucunaré faz ponte
criaturas célebres saltam
um relógio observa o instante
[e espera

o dia corteja a época
sacode a lembrança
anseia emana

saudade boa é rememoração –
há um rio pra recordar

(v)

o rio caminha para o mar

prendem teu corpo
a essas marginais

o repouso dessas tuas margens
são as lâminas do porvir

aragem que corta raízes
desmancha origens
em desfolhagens

...

mas além
penso que a morte é tranquila
quando não há arrependimentos
amargos

e
se eu morrer depois de amanhã
entregue meu corpo a este leito

e
quando eu ressurgir
por favor, não me perturbe
eu descansarei

o rio caminha para o mar

iv poemas perdidos

*para Luiz Fernando Cheres
e a sua descendência*

existem iv poemas perdidos
dentro do tempo-ausência
e uma faixa clandestina na memória

existem iv poemas
que carregam a densidade das horas
e um temporal de silêncios-infensos-sibilantes

existe uma madrugada calma
nas vértebras da noite fantasmas
sussurros e grilos habitam as praças
enquanto descansa o barulho
da palavra não dita

versicular-poético

meus versos são pedaços de mim,
cacos de minha alma.

meus versos...
fui eu mesmo que escrevi,
cantei, encantei, enfeitei
lhes dei sonoridade e harmonia.

mas meus versos são de verdade,
são minh'alma desnudada.
eles dizem o que há
dentro de mim...

meus versos, palavras encantadas
com vida e voz.
são ecos quando conseguem alcançar,
são ocos quando dizem só o que quero.
eu que não consigo me fazer transparente
por isso tento enganar,

e sou tentado a dizer e escrever
quem não sou dando vida ao ego.
o poeta vive quando dá vida aos versos.

meus versos não me dizem em nada,
porque não sou eu que os escrevo,
são algo bem maior que eu
– eles falam por si [e só.

são indeciframavelmente codificados,

trazem insônias
e fazem pulsar meus ossos na viração dos dias.

meus versos vêm no acordar,
versos que levantam
que me inquietam quando me despertam
do sono encantado.

meus versos moram dentro do abismo
multifocal das palavras
das metáforas que pluralizam os sentidos
e são incapazes de dizer quem sou...

são versos omitidos, ocultos.
são a arrumação da minha ruína interior
na arrumação das palavras
que encantam até o sofrimento e a dor.

meus versos são pedaços de mim
(ou de quem tento ser)
são cacos da minha alma...

despedaçam-me –
como a pedra
despe
 daça
a vidr
 aç
a.

e sou apenas um cansado
caminhante à procura de um verso
em que eu possa me encontrar

J o i r e v i r

o i r e v i r d a v i d a
do rio e do
da vida rio
o i r e v i r d o r i o
dá vida

(n)o i r e v i r d a v i d a (n)o i r e v i r d o r i o
e d o r i o d a v i d a [

]a palavra da cor a alma

na alma da cor da palavra[

...

]a cor da alma da palavra
na palavra da alma da cor[

...

]a alma da palavra da cor
na cor da palavra da alma[

...

FORMATO *14x21cm*

MIOLO *Papel Pólen Bold 90g/m²*

CAPA *Papel Supremo 250g/m²*

TIPOGRAFIA *Lora 10/15*

IMPRESSÃO *Gráfica Multifoco*